



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Carta para Sofia: Um manifesto amoroso

Sônia Machado Azevedo

Para citar este artigo:

AZEVEDO, Sônia Machado. Carta para Sofia: Um manifesto amoroso. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0101>

Este artigo passou pelo Plagiarism Detection Software | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Carta para Sofia: Um manifesto amoroso¹

Sônia Machado Azevedo²

Resumo

O texto pretende ser um manifesto, em forma epistolar, sobre as confluências entre pesquisa, arte e vida, no sentido de refletir sobre a academia e as relações acadêmicas estabelecidas entre orientação e pessoa orientanda, visando lançar luz ao como se investiga e se instiga a investigar, observando os processos experimentados em direção à produção tal qual uma doula acompanha uma gestação, com rigor e responsabilidade tais que podem superar normas e modos tradicionais de se encarar uma pesquisa e seus resultados finais.


Palavras-chave: Academia. Orientação. Pesquisa. Arte. Vida.


Letter to Sofia: A loving manifesto

Abstract

The text is intended to be a manifest, in epistolary form, about confluences between research, art and life, pondering about the academy and the academic relations established between advisor and advisee, aiming to shed light on how one investigate and how one can instigate to investigate, observing the processes experienced towards the production as a doula accompanies a gestation, with such accuracy and generosity that can surpass norms and traditional ways to face a research and their outcomes.

Keywords: Academy. Orientation. Research. Art. Life.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig. Doutora em Linguística (UFSC). Mestre em Educação (FURB). Especialista em Língua Portuguesa-redação (PUC-MG). Licenciada em Letras (FURB).  otilia.heinig@gmail.com

² Doutorado em Teatro pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestrado (ECA-USP). Graduação em Teatro (ECA-USP). Professora da Escola Superior de Artes Célia Helena – São Paulo. sonia_azevedo@yahoo.com
 <http://lattes.cnpq.br/1405528811552078>  <https://orcid.org/0000-0003-3135-3442>



Carta para Sofía: Un manifiesto amoroso

Resumen

Este texto pretende ser un manifiesto, en formato epistolar, sobre las confluencias entre investigación, arte y vida, en el sentido de reflejar sobre la academia y las relaciones académicas establecidas entre dirección de tesis y persona tesista, apuntando a lanzar luces sobre cómo se investiga y se instiga a investigar, observando los procesos experimentados en dirección a la producción tal cual una doula acompaña un embarazo, con rigor y responsabilidad tales que es pueden superar a las normas y modos tradicionales de encarar una investigación y sus resultados finales.

Palabras clave: Academia. Dirección de tesis. Investigación. Arte. Vida.



Carta para Sofia

(Um manifesto amoroso)

Minha pesquisadora querida, não sei te orientar da maneira tradicional. Esse texto, em forma de carta, pretende ser uma divagação anárquica e à deriva, sobre essa relação que estabelecemos entre pessoa orientadora e pessoa orientanda, costurando arte, afeto e pesquisa; trata também do teu trabalho, envolvendo desejados e esperados resultados.

Preciso escrever sem julgamentos nem censura de qualquer natureza; estes são, como disse, pensamentos livres e em fluxo afetivo, minha única fala possível nesse momento, que pode soar como um sussurro, às vezes um cochicho ou um grito. Enquanto escrevo, estou pensando que, nesses tempos, ainda mais difíceis que outros, pelos quais já passamos, não sei como posso seguir te orientando após tanta aflição, acontecimentos horríveis e histórias tristes.

Sei, isso sim, te acompanhar nos teus sonhos, caminhar nas trilhas desenfreadas e belas da tua imaginação, pontuando aqui e ali tuas frases/marcadores de caminho, para que não te esqueças dos atalhos trilhados, tantas vezes ao léu, além de outros, mais convencionais, entre autores e suas citações, no aprofundado estudo da teoria das artes da cena, entre outras artes.

Sei, isso sim, segurar tua mão, nas encruzilhadas onde nos equilibramos todo o tempo e, vislumbrando despenhadeiros sem fim, duvidamos se é melhor parar, descansar um pouco ou seguir caminhando na mesma direção ou em outra, mesmo enquanto a noite vem com suas madrugadas de insônia. Tenho uma certeza comigo, talvez a única, não vou te deixar desistir durante toda tua caminhada.

Sei que sonhas e tens alguns pesadelos também, com normas e regras de como escrever, de como organizar tua fala, fazer citações, referenciar o teu discurso, por vezes desconstruído e novo, como algo acabado de nascer, no mundo das coisas visíveis, algo antes inexistente e invisível. Eu te acompanho



fascinada. Não como quem sabe, não como quem conduz, mas como uma parteira mais ou menos experiente que te diz, todo o tempo, respire, apenas siga respirando e acredite, uma hora algo vai acontecer: uma reflexão, um desenho, um poema.

Entre a arte e a pesquisa, onde nos encontramos? O que é uma pesquisa em arte? O que é uma pesquisa? O que é arte? Esse texto, escrito durante a última semana de 2021, quando meu pensamento quer a vaguidão, o desencontrado mundo das lembranças e a presença de filhos e netos, não pretende encontrar respostas, é apenas um simples legado de tempos duros, quando a vida precisou ser revisitada dia a dia (como foram longos alguns dias...), quando a camada do tempo e dos muitos tempos desse novo viver, tirada em meio à dor, se revelou bruta, obscura, mas ainda bela, cruelmente bela. A arte nos ajudou a sobreviver, fez de nós escafandristas de um futuro incerto em águas turbulentas, onde, à realidade dos dias antigos, se misturam ainda e agora nossas fantasias de como poderá ser a continuidade da vida humana sobre a Terra.

Todo artista é um pesquisador, vou começar por aqui; a natureza da própria arte exige uma entrega a incalculáveis e escuras profundidades, onde noções de acerto e erro não sobrevivem. E não sobrevivem porque não importam; o que existe é essa busca sem fim. Nesse lugar, intermediário entre a vida de todo dia e portais de imensidão, as coisas reais e irreais se misturam inapelavelmente fazendo surgir o nunca visto, o desconhecido, a pergunta que não pode ser calada, ou a resposta que, até então, se ocultava de nós. Há nisso toda uma profundidade de mistérios onde nada, nem ninguém, pode penetrar, a não ser a pessoa pesquisadora e, com sorte, como acompanhante, a pessoa que a orienta, a quem cabe apenas e, atentamente, seguir.

Então, preciso te dizer que, em meio às tuas perguntas, que demoram a ser formuladas, que amadurecem a seu tempo e hora a hora, ao longo dos encontros e das noites mal dormidas, eu te olho. E espero. Eu poderia te dar, talvez, respostas (seriam as minhas, não as tuas), mas por que eu faria isso? Porque haveria eu de te entregar velhos pensamentos já pensados (cansados talvez da sua mesmice), enquanto ousas, atrevida que és, escavar tua própria história, investigar tuas lembranças, teu corpo marcado quiçá por dores que eu desconheço, teu tão único



olhar sobre as coisas do mundo. Apenas te sigo, te instigo a mergulhar cada vez mais fundo na escuta de ti mesma... eu, que também travo as minhas próprias e continuadas lutas, nesse meu corpo em vida com quem converso ora aflita, ora feliz ou assustada.

A arte, qualquer manifestação artística, é uma conversa com o mundo, uma troca, onde as respostas de hoje não servirão mais amanhã, onde respostas já batidas e demais informações, compartilhadas de modo superficial e raso, terminam por se instalar confortavelmente na superfície do verdadeiro conhecimento ou à sua margem. Pouco significam de fato. Só a experiência inteira e corajosa dá o alimento procurado, ainda sem nome pra ti e que se renova a cada amanhecer, no qual brilham ainda fiapos de sonhos inquietos podendo, em consequência, alimentar outras pessoas que perseguem outros transtornados sonhos de descoberta.

Desde que decidi te escrever, fiz um combinado comigo: não procurar pelos livros no momento da escrita (meus livros, meus companheiros de viagem), não me apoiar neles, em seus autores, em suas citações, tantas que sempre me alimentaram ao longo de toda a minha vida e muitas das quais adoro, porque fazem dançar meu pensamento, sempre que as encontro pelo caminho.

Quero te falar do agora, do que me salta aos olhos, nesse momento em que a primavera (que por acaso termina hoje) encheu de verde a janela perto da qual escrevo e o verão está chegando com suas asas de fogo; quando preciso te contar que a liberdade da busca foi e é ainda o que sempre me instigou e instiga a caminhar; sem isso, pareceria solitário viver e as horas dedicadas à pesquisa um desperdício sem fim. Eu estaria cercada de um grande vazio, os domingos seriam imensamente longos e a vida se mostraria extensa e deserta demais. Sendo assim, eu sempre escrevi, desde menina, e essa escrita tem sido meu trajeto enquanto alguém que vive e, simultaneamente, tenta descobrir o que é viver, criando textos que antes não existiam.

Existe diferença entre a criação artística e a pesquisa em arte? Se existe já não consigo te explicar: ambas partem de uma necessidade um pouco incontrolável, como quando uma ideia fica rondando em torno de alguém, de



maneira mais ou menos obsessiva e, de repente, se instala. Uma ideia, uma pergunta, uma imagem, um som, uma cor, uma lembrança, uma falta, um desejo. Algo. Algo que antes não parecia estar ali agora se mostra, agora vive em contornos de letras, em volumes, em desenhos no espaço. Um novo ser surge. De onde?

Então te pergunto: como tocar na face do que ainda não se desenhou, o inexprimível, seguindo velhas estradas e antigas regras, desenvolvidas por outras pessoas que buscaram diferentes respostas, guiadas por outras perguntas e que chegaram a outras conclusões? Como apressar o tempo das coisas, esse com que a natureza prepara seus dias e seus frutos, que o sol doura e amadurece as frutas de todas as árvores numa profusão de cores e sabores? Como apressar o que se desenha no âmago-útero de uma investigação que vai maturando hora a hora para, de repente, vir à luz?

Não sei como, nesse campo de desconstruções e quebra de paradigmas de que a arte se alimenta, nesse lugar fronteiro de todas as fronteiras e que, por isso mesmo, sem fronteira alguma, no qual a pesquisa em artes trafega e alarga horizontes, alguém pode se atrever a delimitar passos, cercar caminhos, impedir experiências, obrigar companhia. Sim, porque a artista, ou a artista pesquisadora (serão uma só pessoa, há de se registrar) nunca anda só, tem sua experiência diária e a natureza por companheiras, tem a história dos que vieram antes e perderam, também eles, seus dias e noites insones em buscas que se assemelhavam, tem esses pedaços de vida, de tempos de vida que foram registrados em livros, obras de ficção como quadros, esculturas, músicas, danças, cantos, textos para a cena, coreografias e performances; em reflexões sobre suas descobertas, seu tempo, seu olhar sobre as coisas, seu legado.

Sofia, tua pesquisa tem uma vida só tua da qual não podes nem desejas escapar; teus rastros de sangue e poesia cravados e indeléveis no teu corpo moram nela, tua própria história riscada e desenhada abaixo da pele, nos músculos, órgãos, ossos, nervos e tudo o mais, permanece. Nunca duvides, será assim para sempre.

Esse é o nosso tesouro, a ser conhecido, estudado, enfrentado, a se tornar parte de nós, a se transformar num grande amigo, nos colar à nossa própria pele,



a indicar muitos e novos caminhos, a nos desorientar e transtornar os dias de verão, a forjar no silêncio das tardes pensamentos nunca antes pensados, a nos levar a mares nunca antes navegados. São nossas referências... Somos navegadores, escrevi certa vez, às vezes usamos bússolas e as seguimos, obedientemente, mas há momentos, como agora talvez, que partimos em busca da liberdade negada, apenas soltando as amarras, sem querer saber de ventos, marés ou faróis. Sem consultar a previsão do tempo, desconhecendo a possibilidade de tempestades e neblina e sem qualquer chance de retorno ao que foi vivido antes de.

Não poderia ser de outro modo, a criação artística genuína desconstrói o conhecido, desafia e derruba limites impostos, segue criando, no caminhar de novos passos, seu próprio e único caminho, traçando novas histórias e processos de contá-las. O novo rosto, como um filho, pode lembrar o rosto dos seus pais, alguém até mais antigo e longínquo como um bisavô nunca visto, mas, tendo acabado de nascer, objetifica-se em contornos e energia nunca antes contemplados por ninguém, nova e ao mesmo tempo, ancestral materialidade.

E, para escrever, pergunta teu rosto aflito, como devo proceder? Já conversamos muito sobre tudo isso, mas quero frisar que “a liberdade não se pede, a liberdade se conquista”. Essa frase anônima, que nunca esqueci, estava na parede de uma clínica de terapia que frequentei décadas atrás e ela me acompanha, desde então. Era um quadro, desses bem explicativos e um pouco brega, penso agora, onde se via uma pomba muito branca voando num fundo de céu azul.

E há mais uma questão que é sempre trazida nos nossos encontros: como escrever/descrever/relatar uma experiência? Difícil, não é? Como contar a alguém o gosto de algo que nunca foi provado por ele, como explicar, como compartilhar sensações: um perfume, qualquer sabor, um arrepio? E como realizar com alegria tudo isso e, ao mesmo tempo, seguir os padrões e normas acadêmicas? Não se assuste, sempre haverá um modo, as regras da ABNT têm seus motivos para existir, visam melhor compartilhamento de conhecimento, nesta rede da qual fazemos todas parte, são sinalização à beira de grandes estradas, códigos que mesmo um estrangeiro, em longa viagem, vindo de país distante, pode compreender. Resumo, *abstract*, palavras-chave, *keywords*, notas de rodapé e

citações não são monstros de sete cabeças e, por si sós, não impedem nossa liberdade de livremente refletir; ao mesmo tempo, uma poesia não necessitará de nada disso, pois há de falar por si, dizer a que vem, explicar-se sem nada explicar, falar a cada um a seu modo, segundo sua e muito particular interpretação. E então, se minha pesquisa resultar em obra poética? Deixará de ser pesquisa?

Outra coisa me ocorre reafirmar agora a ti: a arte é, por si só, transformadora. Com ela, o artista não precisa oferecer material auto-explicativo, em sua inteireza e simples existência, ela diz de si mesma, em seu próprio existir, falando com cada pessoa a seu modo, provocando diálogos diversos e sempre novas perspectivas de leitura.

O objeto artístico passa a ser e estar no mundo dos objetos, fruto de uma investigação, de um desejo, de uma necessidade, um percurso, um caminho, um descaminho, uma precisão de se expressar, um fim. E como tal oferece-se à experiência de quem o recebe. Sua unicidade conversa com a unicidade de seu receptor. De que outro modo poderia acontecer tal encontro entre dois seres? E por mais efêmero que esse objeto possa se mostrar, no caso de uma cena presencial, uma coreografia, uma cantiga solta no ar, algo existe num curto tempo, mas existe e fala comigo, diz a que veio, conversa com a gente. Eu, receptora, testemunho esse acontecimento, convivo com ele nesse espaço/tempo, mesmo que efêmero em sua existência. E essa experiência, que a cada um se mostra única, permanece preservada e íntegra. Segue existindo, agora dentro de alguém, de alguns ou muitos alguém e seu efeito não pode ser objetivamente medido.

O que distingue uma pesquisa ou processo de criação artística no sentido do rigor e o que significa esse rigor no caso da arte e das pesquisas em arte? Saberes vindos de longe ou de um aqui agora vão se incorporando à rotina dos dias, a vida vai nos fornecendo material que se fixa nesse corpo que somos, é preciso dizer quais são esses saberes que, como faróis iluminam tal navegação.

Que rigor é esse de que se fala então? Há um mergulho amoroso no estudo ininterrupto, há um caminho que vai sendo traçado pelo pesquisador incansável rumo às perguntas primevas, um caminho autodesenhado por ele que envolve as exigências do próprio objeto perseguido, suas particularidades. O pesquisador



segue obstinadamente as exigências da obra que se processa dia a dia. É séria a conversa de um eu com este outro, seu objeto de pesquisa; o resultado, seja um produto em linguagem poética ou uma tese acadêmica, seguirá trâmites éticos que permeiam os relacionamentos humanos.

Ao longo de mais de cinquenta anos, fui acompanhada por meu orientador J. Guinsburg, a quem devo sempre agradecer; ele me ensinou a pensar e escrever respeitando minha própria natureza e a natureza dos trabalhos que me propunha realizar. Devo a ele e a tantos companheiros de percurso pensamentos e reflexões que atravessam a minha escrita: Rudolf Laban, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Luigi Pareyson, Gabriel García Márquez, Paulo Freire, Leopold Nosek, José Moura Gonçalves Filho, Pablo Neruda, Frayze-Pereira, Ecléa Bosi, Umberto Eco, Thérèse Bertherat, Eduardo Galeano, Júlio Cortázar, Pina Bausch, Eugen Herrigel e tantos outros nomes.

Há em tudo o incontrolável dos acontecimentos do mundo, a não posse, o inesperado e o encantamento do acaso; a profunda liberdade da entrega e a sucessiva tentativa de traduzir o intraduzível. Por esse motivo te peço, Sofia, caminhe com alegria como se, a cada manhã, encontrasses um novo mundo, acabado de nascer, pronto a dialogar contigo. E estivesses cercada de amigos.

Tua orientadora
20 de dezembro de 2021

Recebido em: 07/01/2022
Aprovado em: 20/02/2022